

Globethics Repository



Ciências, um conhecimento sempre
inacabado [Science, an unfinished knowledge]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-14 19:48:22
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160431

Ciências, um conhecimento sempre inacabado

Vera Portocarrero analisa o surgimento das ciências da vida, contemporâneas das ciências empíricas do século XIX. Para Foucault, aponta, as ciências da vida têm relação indiscutível com o contexto político do capitalismo

POR MÁRCIA JUNGES

Longe de serem uma verdade universal, adequadas a objetos “naturais”, as ciências são concebidas como “processo de produção de conhecimento sempre inacabado”, pondera a filósofa Vera Portocarrero na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Sobre o surgimento das ciências da vida, em específico, ela explica que estas aparecem no contexto das ciências empíricas, “possível somente no início do século XIX, a partir de uma mudança radical no modo de conhecer o vivo; a partir do afastamento do cartesianismo, fundamento da filosofia e das ciências clássicas, inclusive a história natural, destes conhecimentos analíticos que se passam no nível da representação, cujos objetos são representações a serem ordenadas, nomeadas, classificadas”. Segundo ela, Foucault afirma que as ciências da vida têm imbricação direta com o “contexto político do capitalismo, da normalização e da medicalização da sociedade, situando-se como peças de relações de poder, de agenciamentos concretos, de dispositivos de segurança”. O tema foi objeto da conferência *O surgimento das ciências da Vida*, ministrado por Vera em 14-09-2010, dentro da programação do XI Simpósio Internacional IHU: o (des)governo biopolítico da vida humana.

Professora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Vera é graduada e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, com a dissertação *Arquivos da loucura. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* (Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002). É doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ com a tese *O Dispositivo da Saúde Mental: Uma Metamorfose na Psiquiatria Brasileira*. Organizou as obras *Filosofia, História e Sociologia das Ciências: Abordagens Contemporâneas* (3. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002) e *Retratos de Foucault* (2. ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004). É autora de *As ciências da vida. De Canguilhem a Foucault* (Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que podemos compreender por ciências da vida?

Vera Portocarrero - Há um leque de compreensões possíveis - desde a de sistema teórico e neutro, comprovado por experimentação, até a de prática política. Este leque diz respeito às várias formas de analisar a biologia, a fisiologia, a anatomia patológica, integrantes do quadro geral das ciências da vida. Considero muito interessantes as concepções históricas da epistemologia de Canguilhem¹ e seu vitalismo (incontornável no momento de formação de uma ciência irredutível à física e à química), da ar-

queologia e da genealogia de Foucault que as concebe como saberes constituídos numa relação de imanência com os poderes, correlacionando-as com os conceitos de vida, morte, norma, relações de forças, governo e biopolítica. Também as de Bruno Latour², como a da microbiologia, como relações de forças múltiplas, simétricas, humanas e não-humanas, ex. Pasteur³ e os micróbios. As

ciências são concebidas como processo de produção de conhecimento sempre inacabado, não como verdade universal nem como adequação a objetos “naturais”. A epistemologia e a arqueologia as compreendem como ciências empíricas que só se constituíram com o surgimento do conceito de vida, no início do século XIX, ao se formar a noção de objeto concreto, com existência própria e externa ao conhecimento. A arqueologia as define - no nível de sua positividade que é o das condições de possibilidade de sua existência - como saber co-extensivo à filosofia, às outras ciências empíricas (economia e filologia) e às ciências humanas, só constituídas na modernidade;

¹ Georges Canguilhem (1904-1995): filósofo francês, membro do Collège de France, especializado em filosofia da ciência e no estudo da normatividade. (Nota da IHU On-Line)

² Bruno Latour (1947): filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)

³ Louis Pasteur (1822-1895): cientista francês. Suas descobertas tiveram enorme importância na história da química e da medicina. É lembrado por suas notáveis descobertas das causas e prevenções de doenças. Suas descobertas reduziram a mortalidade de febre puerperal, e ele criou a primeira vacina para a raiva. Seus experimentos deram fundamento para a teoria microbológica da doença. (Nota da IHU On-Line)

dentre estas condições de possibilidade, situam-se condições políticas, o que permite a Foucault considerá-las como produção a ser investigada em termos dos efeitos operados sobre os indivíduos e as populações.

IHU On-Line - Qual é o contexto do seu surgimento?

Vera Portocarrero - Restringindo-o ao contexto epistemológico para relacioná-lo com o político, podemos dizer, com Foucault, que se trata de um contexto de ruptura nos níveis do saber e do poder. Ruptura entre o poder soberano e o da modernidade; entre o saber da época clássica (história natural, estudo dos seres vivos, e medicina das espécies ideais) e o da modernidade (biologia, estudo da vida, e medicina clínica). É no contexto do surgimento das ciências empíricas, possível somente no início do século XIX, a partir de uma mudança radical no modo de conhecer o vivo; a partir do afastamento do cartesianismo, fundamento da filosofia e das ciências clássicas, inclusive a história natural, destes conhecimentos analíticos que se passam no nível da representação, cujos objetos são representações a serem ordenadas, nomeadas, classificadas. A história natural não pode se constituir, progressivamente, como biologia. Pois, até o final do século XVIII, não existem nem a noção de vida como objeto empírico, nem a própria noção de objeto empírico. Existem apenas as representações: os seres vivos são representações, espécies ideais.

Saber fraturado

Na modernidade, seu primado é contornado; com Kant⁴, a uniformidade do

⁴ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93,

“As formas de poder que se exercem em nossa sociedade ligam-se à sua medicalização, estabelecendo uma distinção permanente entre o normal e o patológico”

saber clássico é fraturada em dois níveis: o empírico, das ciências empíricas, e o transcendental, da filosofia. É no contexto desta fratura que surge o objeto das ciências da vida que é empírico, pesquisado como mecanismo e como função dos organismos, com leis próprias e um espaço interno próprio que é exterior à representação. A função é invisível e será definida a partir do efeito produzido pelos órgãos. Esta mudança é coetânea de uma mudança no olhar médico e científico: do olhar voltado para diferenças justapostas às identidades visíveis dos seres vivos, passa-se para o olhar moderno dirigido a elementos sem identidade visível, ligados por uma unidade funcional que sustenta o organismo em segredo - a vida. Segundo Foucault, as ciências da vida ligam-se cada vez mais ao contexto político do capitalismo, da normalização e da medicalização da sociedade, situando-se como peças de relações de poder, de agenciamentos concretos, de dispositivos de segurança, cujo alvo é a gestão da vida dos indivíduos e da população tomados como entidades biológicas, por meio da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e de um ajustamento dos fenômenos de população ao exercício do poder, que não é mais do tipo soberano.

IHU On-Line - Em que aspectos a obra de Foucault dialoga com as ciências

de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Immanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

da vida?

Vera Portocarrero - O principal aspecto resume-se na relação, por ele estabelecida, do campo biomédico com o político, a partir da qual questiona a medicalização e a normalização efetuadas em nossa sociedade. Esta relação fornece importante fundamentação (arqueológica e genealógica) para uma crítica tanto ao pensamento antropológico da modernidade, centrado no conceito moderno de homem, quanto ao biopoder em seu caráter de agenciamento biomédico-jurídico e de governamentalidade. Esta relação é estabelecida, principalmente, a partir de algumas hipóteses: que as ciências do homem são um prolongamento das ciências da vida, porque se fundam biologicamente; que os conceitos biológicos não são pensados apenas por meio da estrutura interna do ser vivo organizado, mas se articulam com dispositivos de poder diretamente ligados a processos fisiológicos; que o nível biológico e o histórico se ligam, de acordo com uma complexidade crescente, à medida que se desenvolveram tecnologias modernas de poder, cujo alvo é a gestão da vida dos indivíduos e da população, e que se ampliaram em práticas patológicas de poder de morte (holocaustos, racismos). Trata-se de um diálogo crítico interessado em pontos de resistência possível e de práticas políticas inovadoras.

IHU On-Line - Em que sentido esse pensador propõe uma nova compreensão sobre o normal e o patológico?

Vera Portocarrero - De um modo geral, no sentido de crítica à normalização e à medicalização, que integra seu projeto de crítica da atualidade cuja meta é constituir-se em contra-poder. Para ele, as formas de poder que se exercem em nossa sociedade ligam-se à sua medicalização, estabelecendo uma distinção permanente entre o normal e o patológico; são práticas de restituição do sistema de normalidade, que operam por meio de uma função médico-política, que estende indefinidamente os limites de intervenção do saber médico, a partir do surgimento do problema da saúde em diferentes pontos da sociedade. De um modo muito específico, no sentido em que esta crítica se refere à normalização, atacada por ele e por Canguilhem, do ponto de vista